

RODRIGO BRAGANÇA

SOLO
PARA
UM
HOMEM
SÓ



PATUÁ
EDITORA
LIVROS SÃO AMULETOS

Copyright © Editora Patuá, 2016.

Solo para um homem só © Rodrigo Bragança, 2016.

Editor

Eduardo Lacerda

Ilustração, Projeto gráfico e Diagramação

Leonardo Mathias | flickr.com/leonardomathias

B797s Bragança, Rodrigo.

Solo para um homem só. / Rodrigo Bragança.

São Paulo: Patuá, 2016.

ISBN 978-85-8297-271-7

I. Poesia Brasileira I.Título.

CDD – 869.91

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia Brasileira I.Título.

869.91

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Patuá

Rua Manuel Luiz de Araujo Costa, 287 – Casa I

CEP 03280-020 São Paulo – SP Brasil

Tel.: (11) 2216-0407 / (11) 974928378

www.editorapatua.com.br



intro
infância

a última caverna

à minha mãe peço a chave do útero

para que eu possa entrar
e fechar os olhos

preciso perder o mundo

hibernar

para que o escuro me cure e meus sonhos descansem

solidão zero

único filho
de uma mãe

no mundo
fio único

funil

fernandes

bragança

almeida

madeira

sotero

silva

melo

eu

futebol

jogava botão

pelos dois times

o da casa

o visitante

e fazia a narração

escuro azul

kichute apertado

cadarço subindo a canela

guardanapo amassado na merendeira

a marca da bola no uniforme tingido de terra

o penúltimo pai chegando

a última criança sorrindo

ponto final na tarde

São Judas soprando o sino
o pipoqueiro guardando o milho
o sol vermelho empurrando o carrinho
pra onde meus olhos febris caminhavam

exame

era dengue?

não, denço

sólido

quero ser o super-homem

quero ser o melhor

quero que me elogiem

não vou morrer nunca

tenho medo de ficar só

nowhere man

sou sim
como ele e você
homem sem lugar no mundo
me procurando
numa pilha de planos
regando sonhos
e um milhão de monstros

deslocado

não conhecia ninguém

na festa

na testa

um sorriso

de canto de sala

eu

parte A
abandono

pronto:

o ponto
e o pranto

na ponta do pé
partiu sem cuia

num canto do prato um osso
no outro
paúra

vinte e três de dezembro

sem olhar de frente

sem deixar a pose

sem perder o trato

no banco do lado

meia dúzia de frases

mais de cinco anos e um amor

despachados feito bagagem

desabrigo

casa saiu do lugar
tive que dormir
do lado de fora
de mim

cidade foi viajar
chuva desabou
do lado de dentro

cama virou poça
acordei embolorado

varal voou com o vento
e eu me vi nu
no vazio
que mora aqui

pequeno

por favor

não vá embora

sou só

um menino só

astronauta

só peço a Deus
que me mostre
se há vida em marte
ou em algum outro lugar
diferente de você

o adeus

as mãos acenam

a voz naufraga

o peito carrega e deságua

os olhos chovem o fim da tarde trágica

a cidade acabou

nunca há tempo

para uma despedida

o abraço uma hora acaba

parte B
vazio

solidão 35

no silêncio da casa
na sujeira da louça
no requeijão mofado

debaixo dos tapetes
dos poemas
das manias

na carne da tristeza
no cerne das canções
na tevê ligada

na eternidade dos domingos
na pressão do abraço
no caminhar vazio

na luz do quarto
que não está mais acesa
quando volto

resto

um mendigo que chora

uma ladainha

uma saudade de rocha

uma pedra no rim

um amar caduco

um reagir sem força

um gosto de nunca na boca

um tapa ardido na nuca

uma pirraça de mula

um rolar na cama

imã relutando em fúria

uma dor de moer as juntas

um desacreditar na vida que vai daqui até Roraima

estação de espírito

faz

inverno

em mim

solidão 6.667

fica tudo adiado:

o relatório

o banho

o boleto bancário

escovar os dentes da vida

só amanhã

solidão 471

minha voz vomitou
pela janela
litros de saudade insana

me masturbei
com a mão da sua lembrança
pra dar conta dessa falta

date

não fiz a barba
não dei bom dia ao espelho
não fiquei online
não abri o email
não fui à padaria
não saí pra pegar as cartas
não atendi o telefone
não arrumei a casa

aqui dentro o som da rua
o estalo da janela de alumínio
o ruído da casa de máquinas
a cena de quando ela foi embora
a minha respiração inquieta

vesti minha cara amarrada
e fui me encontrar com a solidão

fotografia

saímos de braços dados
eu de cara acarrancada
e a solidão com seu sorriso largo

estupro

a solidão embebedou o rapaz com um drink à base de temporal
e abusou dele até de manhã

meses depois, ela apareceu grávida
dizendo que a filha era dele
e que já tinha nome:
AMARGURA

reconhecida num retrato amarelo-ferro-e-cinza nos
arquivos da vigésima nona delegacia de polícia

as maiores olheiras da América Latina

um fitar prostrado

um bolor na retina

os dentes amarelo-pálido

as bochechas amarelas

os cabelos de nicotina

a pele engrunhada e amarela

o sorriso enferrujado

a voz caquética

e um socorro acorrentado na boca

hérnia

en
tu
lha
das
num
can
to
rou
co
neu
ro
ses
em
pi
lha
das
comprimindo
o disco
comprimidos
pa
ra
a
in
sô
nia
da
co
lu
na
ver
te
bral

solidão 83

estou ficando torto estou ficando troncho estou -
ficando mouco estou ficando amorfo estou fic
ando morto

invisível

na mudez

na gula

na surdez

na falta de tato

no excesso de olfato

no ventre
no berço
na cólica
no tropeço
no quarto
na sala
no solo
na escola
na rua
no meio
no erro
no aperto
no feio
no tombo
na ruga
na UTI
no terço
no túbulo

solidão 22

sinto

finjo

nego

fujo

esperneio

bugo

imploro

escorro

derreto

maldigo

amargo

enfrento

encarno

estetizo

aceito

sobrevivo

irrepresável

porque é preciso
enjaular os leões
e fazer os urros
cabem numa lata
onde não cabe
o erro
a birra
o berro
a marra
o murro
o esporro
o aluguel
o imposto

nenhuma poesia

gritou

foi como chutar um cachorro
seu estômago enrugou
sua face contraída se desfigurou

a garganta em brasa
as axilas escorrendo medo
a mente esperneando falida

sentiu o peito secar
as formigas escalarem a face
e num surto
mais rápido que um susto

virou deserto

nada

nada dava conta

daquele olhar
encostado no canto

daquele nada
incrustado no teto

solidão 949

quando estou porta
quando estou pedra
quando estou mula
quando estou cela

quando estou poste
quando estou vala
quando estou sêca
quando estou lua

quando estou farpa
quando estou falta
quando estou nunca

quando não há quem
quando não há como
quando onde é qualquer esquina

quando a esquina não encontra ninguém

solo
solo de um homem só

um homem em seu solo
ara o peito
e nele planta uma lua

quer semear manhãs...

rega melodias
aduba devaneios
e obstinado
queima no sol
perde o fio
a colheita
empesteia o pentagrama
(deve aprender o significado espiritual da palavra foda-se e praticar
sua pronúncia periodicamente assim como a meditação)
continuando... (ele deve continuar!)
improvisa nas intempéries
tempestades
turnarounds em volta de si mesmo
ressuscita antigos temas
passados
amores
casos
(nada é por acaso mas o homem é livre por natureza e nunca deve
esquecer-se disso)

em sua obra
desenha, destrói plantas
desperdiça a raiz
desdenha, reconstrói verdades
sustenta notas
motivos
calúnias
padrões
espinhas
colunas
sem saber se haverá ritornelo ou qualquer tipo volta
(são muitas as jornadas e pautas mas ele ainda escuta o sabiá
e o pulsar do coração das mariposas)
instala uma pausa no dia
subverte a linha
o tempo
o conceito
a tarde
o centro tonal
a gravidade
e a agudeza das coisas
(deve voltar a ser modal no decorrer da vida, insisto)
cimenta lesões
ergue escadas
para o inferno
para o paraíso
e para o lugar nenhum

desce e sobe escalas
salta...
(o intervalo pode ser maior do que se esperava,
os degraus
e também o tombo)
em sua novela
trama interlúdios
passagens
(as intempéries são coisas dele)
idas, vindas
polifonias
polirritmias
surfa cadências
ondas de feiúra
abre vozes
(são muitos os personagens)
escancara tripas
a sua cacofonia
resolve ou não tensões
respira

em sua distraída lucidez
já poeta de si
e de sua travessia
coloca uma fermata na noite
e amanhece-a vagarosamente
para fecundar a solidão

coda
sol.itude

areia

a cada verso
menos submerso

avanço um passo
supero o passado

recomeço

a vida segue sem você

fundou
um
fundo
do mar
só
para si

buscador

deixo o mar falar em mim

içar escuros

quebrar muros

encontrar

remo

rima

rumo

23.762

vou jogar fora essas bananas
os mosquitos que se arrumem

companhia

pro jantar

convidou o cão

uma existência

nascer só

viver só

morrer só

cansou

quis viver por metáforas
esquecer o chão
só falar a língua da chuva
e desaprender tudo

rompante

envergonhado
com a falsidade das palavras
o poema rompe o papel
e abraça forte
o poeta

primeiros socorros (kit)

um bolsão quente de abraços

uma faixa de amarrar desesperos

uma voz de travesseiro

um maço de algodão (não serve o salgado)

óleo de massagem para egos

balas azuis

goma de mascar nuvens

luvas de veludo para ouvidos

chocolate suíço XL 500g

máscaras anti-descaso

comprimidos efervescentes de alegria 350 mg

lambidas de cachorro (pacote com 40 unidades)

merthiolate para melindres

playlist com 200 áudios de risadas de crianças

pastilhas de sol

pílulas do esquecimento (de si mesmo)

um disco daquele cantor negro mineiro (para ouvir de luz apagada)

um tubo de pomada do sono (aplicar no dedão esquerdo após as refeições)

um redutor universal de distâncias 2.0

uma passagem de volta pra casa a qualquer hora saindo de qualquer lugar

bipolar

pagou todas as contas

hospedou as plantas

deixou a solidão cozinhando os meses

e foi escalar as montanhas da Rússia

VOOU

errático

um tico-tico

no ártico

luneta

na lua
minha
solidão
encontrou
a sua

a sóis
namoram
nossos
sóis

partitura

caracóis

gargalhadas

borboletas banguelas

uvas sem caroço

caipirinhas de banana

o Geladeira

corujas amarelas

lobos

quatis

jabutis em passeata

guppies azuis

joaninhas sapateadoras

folhas de manjeriço

grilos afônicos

carrapatos carecas

arraias

os vaga-lumes do sul

vavavivas eufóricos

e os óculos do Manoel de Barros

habitavam a música que ele sonhava

religare

um aviso do espaço
estrelas, pedaços
da mesma explosão
em feliz colisão

o vício do abraço
o avesso do escuro
a cura do verso
o inverso da solidão

a desatar os nós
diluir o revés
em trinta de nós
em dois ou em dez

para acender a voz
e encantar faróis
nossa fé, nossos sóis
nossos cacos de luz

solitude

quando

só

fico

bem

só

inteiro

fico

são



Esta obra foi composta em Perpetua
em março de 2016 para a Editora Patuá.

Para enfrentar os desencontros do mundo levo o que sou:
o amor da Vênus e o mergulho do Escorpião.
Deixo o reino das amebas para me emancipar. Vou de verde musgo,
cabeça-de-ratazana, assustar com a coluna dobrando bambu
e o sorriso do meu cabelo azul. Vai ser lindo demais!
Ficam pra trás lesmas, muriçocas, perfumes e coisas
que lembram pessoas. Não é hora de correntes. Avante!

Tiragem de 100 exemplares